

# A PESQUISA ETNOGRÁFICA NO ARQUIVO PESSOAL DE NELSON COELHO DE SENNA

*Maristela Costa Martiniano<sup>1</sup>  
Rubens Alves da Silva<sup>2</sup>*

## RESUMO

A pesquisa etnográfica em arquivos documentais vem se tornando uma prática cada vez mais utilizada para geração de questionamentos sociais que ampliam o escopo de estudos em torno da temática arquivo- sociedade. Neste estudo, o objetivo é apresentar o trabalho etnográfico nas pesquisas desenvolvidas no arquivo pessoal de Nelson Coelho de Senna, parte integrante do acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, inspirando a abordagem qualitativa da pesquisa. Inclui-se neste trabalho a entrevista, descrições e análise de linguagem. A etnografia nesse sentido estabelece a ligação entre o produtor do arquivo e o momento social que o levou a pesquisar o tema africanismo. A coleta de dados foi realizada nas instituições onde Nelson de Senna teve papel relevante e no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Como resultado foram obtidos uma breve biografia do produtor, a história de aquisição de seu arquivo pessoal, apoiada por entrevistas e a discussão sobre ao africanismo na obra do autor.

**Palavras: chave:** Arquivo pessoal. Etnografia. Africanismo.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo versa sobre a investigação etnográfica em arquivo pessoal, partindo da compreensão do arquivo pessoal enquanto campo de pesquisa, sendo a etnografia a metodologia aplicada. Embora para esse tipo de pesquisa ainda se apliquem com frequência a compreensão desse estudo como “trabalho de campo”, especialmente nos moldes da Antropologia, o que demonstra certa resistência de sua compreensão nos moldes do trabalho etnográfico, optamos por transitar nessa perspectiva.

Os arquivos pessoais/privados podem ser recolhidos por instituições públicas desde que apresentem relevância social. A lei 8.159 de janeiro de 1991 dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, o Decreto nº 4.073 de 3 de janeiro de 2002 e a Resolução nº17, de 25 de julho de 2003 do CONARQ, que possibilitam o recolhimento desses arquivos.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais Graduação em Arquivologia pela Universidade Federal de Minas Gerais -PPGCI/UFMG -Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Pós Doutorado júnior em Antropologia(Cnpq-USP), Doutorado em Antropologia(USP), Mestrado em Sociologia (UFMG) graduação em Ciências Sociais (UFMG) Professor adjunto da Escola de Ciencia da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais

O arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna é a reunião das pesquisas em torno de cinquenta anos que o pesquisador mineiro faz por diversos temas do cotidiano social entre o final do século XIX e início do século XX. Este arquivo foi recolhido por uma instituição pública municipal, o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, o qual o inventariou e o disponibiliza em seu acervo para pesquisas.

O arquivo é composto pelos documentos pessoais do produtor, suas correspondências, suas atividades parlamentares e acadêmicas, suas publicações, fotografias e gravuras publicações de terceiros no seu pós-morte e por seus estudos em variadas áreas como: siderurgia, mineração, toponímia, linguística, indigenismo, africanismo. Dentre as pesquisas o tema africanismo chama a atenção pela riqueza de possibilidade de trabalho com os verbetes, termos e vocabulários reunidos pelo produtor.

A este trabalho coube trabalhar com o tema africanismo, utilizando a metodologia etnografia como base para entendimento mais abrangente do universo em que o produtor circulava.

## **2 ARQUIVO PESSOAL: uma revisão conceitual**

Na perspectiva da arquivologia, o manuseio com os arquivos pessoais requer esforço por parte do arquivista para adequação de documentos que têm a informalidade, a pluralidade e a diversidade como principais características. Muitos arquivos que já foram considerados como coleções, podem ser custodiados por instituições públicas, que pretendem explorar cientificamente o espólio intelectual.

Diferente dos arquivos de organizações administrativas, os arquivos pessoais são repletos de valores sociais que se refletem no acervo do indivíduo. Apresentam-se em diferentes formatos e suportes, todos dotados de uma intencionalidade que o produtor conferiu a eles.

Bellotto (2006) afirma que esses arquivos têm uma visão diferente para cada um que o consulta e pode resultar em informações para a sociedade. Nesse sentido a autora, compreende os arquivos pessoais como:

O conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas e etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoa detentoras de informações inéditas em seus documentos que se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade. (BELLOTTO, 2006, p.266).

Quanto à organização e estruturação dos arquivos pessoais, Terry Cook (1998) ressalta que estes têm algumas peculiaridades a organização e estruturação de arquivo pessoal em uma instituição pública devem seguir os preceitos basais de respeito aos fundos e a ordem original.

Pela estrutura do arranjo apresentada no inventário analítico e através das entrevistas concedidas pelos responsáveis técnicos pela elaboração deste, tem-se a plena noção da utilização das diretrizes arquivísticas como sugere Heymann (2009)

Para se tratar um arquivo pessoal como conjunto indissociável, cujo o sentido repousa na articulação entre as suas várias parcelas, a assunção dessa premissa implica a adoção do método funcional, ou seja, implica no tratamento pautado na identificação das atividades imediatamente responsáveis pelos documentos que integram esses arquivos. Ainda que reconheçam as dificuldades que envolvem o procedimento, que admitam uma “zona de penumbra” nos arquivos pessoais, referente a presença de documentos que não têm força probatória nem decorrem de transações- qualidades que caracterizam os típicos documentos de arquivo- , reivindicam-no como fundamental para evitar o que denominam de “artifícios classificatórios” baseados em formatos suportes, assuntos etc, característicos de uma abordagem “arquivística”. (HEYMANN, 2009, p.45).

Como resultado o Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Senna se apresenta como um Fundo. Fundo é definido pelo Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística como: Conjuntos de documentos de uma mesma proveniência ou ainda; Fundo aberto: Fundo ao qual podem ser acrescentados novos documentos em função do fato de a entidade produtora continuar em atividade ou Fundo Fechado: Fundo que, não recebe acréscimos de documentos, em função de a entidade produtora não se encontrar mais em atividade. Este Fundo é parte integrante do acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte contendo: Área de identificação - Dimensão e suporte - Área de contextualização - Área

de conteúdo e estrutura - Área de condições de acesso e uso - Área de notas conforme orientação da NOBRADE.

Neste contexto a pesquisa se tornou facilitada pela organização e conformidade com o Inventário do arquivo.

### 3 ETNOGRAFIA EM ARQUIVOS

A pesquisa etnográfica dentro da Antropologia é embasada por de procedimentos e técnicas que exigem uma observação e vivência prolongada com o grupo pesquisado. As Ciências Sociais se utilizam de algumas técnicas da pesquisa etnográfica para enriquecer a pesquisa qualitativa, utilizando a observação e a entrevista como por exemplo.

Sobre a etnografia o antropólogo Clifford Geertz (1989) considerado como um antropólogo tradicional, fala sobre a prática.

Praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele represente: um risco elaborado para uma 'descrição densa', tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle." (GEERTZ,1989, p.15).

A descrição densa, como sugere Geertz no arquivo documental é dificultada muitas vezes pela ausência de convivência com o grupo pesquisado, por isso de certa forma, ainda há resistência quanto a aceitação do método etnográfico nos arquivos.

A leitura etnográfica feita no arquivo é uma pesquisa que vai além da autenticidade e fidedignidade conferidas a ele, este arquivo é o próprio campo de investigações e apresenta uma gama de possibilidades de temas a serem abordados que contribuem e se tornam necessários para o entendimento de sua estruturação, refletindo o contexto de recolhimento, principalmente no caso dos arquivos pessoais. A intenção é utilizar a arquivística tradicional com caminhos sociais.

A procura pelo contexto histórico que reflète a própria história do arquivo se torna essencial para formular uma ideia sobre as questões que ocasionaram a reunião

dos documentos, buscando ampliar o “campo etnográfico” que o arquivo se torna. A antropóloga Fraya Frehse (2005) constata que o arquivo é esse campo de trabalho, mas também traz a possibilidade de expansão da pesquisa.

Além de serem o cenário no interior do qual o antropólogo se move analiticamente para realizar a sua investigação, os arquivos são o próprio foco da análise. Problematiza –se então o contexto histórico e antropológico de sua produção e organização: os sujeitos e instituições que os fizeram ser como são. (FREHSE, 2005, p.132).

O que possibilita rever o papel do arquivo, ou seja, mudar de um lugar que somente guarda informações para um local que tem um papel social dentro da comunidade em que está inserido.

Michel Agrosino (2009) fala sobre a pesquisa etnográfica em conjunto com a comunidade a ser pesquisada.

A pesquisa em arquivos raramente sustenta-se sozinha como habilidade etnográfica, embora certamente possa fundamentar um estudo independente respeitável se a pesquisa de campo de primeira mão não for exequível. Mas quase sempre fica mais fácil acessar e interpretar materiais arquivados quando o pesquisador tem experiência de primeira mão na comunidade em estudo, e quando ele ou ela pode verificar as interferências feitas a partir dos dados arquivados em entrevistas com membros da comunidade estudada. (AGROSINO, 2009, p.70).

As pesquisas de campo foram realizadas em instituições em que Nelson de Senna teve participação direta ou indireta, como a Academia Mineira de Letras (AML), onde foi sócio fundador e um dos responsáveis pela transferência da Academia da cidade de Juiz de Fora para Belo Horizonte, o Arquivo Público Mineiro (APM), onde trabalhou como sócio correspondente na captação de documentos e publicou diversos artigos na Revista do APM, Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), onde também foi sócio fundador e por fim o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), local que recebeu através de doação feita por familiares, seu arquivo pessoal depois de quarenta anos da morte produtor.

#### 4 NELSON COELHO DE SENNA E SUA OBRA

Nelson Coelho de Senna nasceu na cidade do Serro em Minas Gerais, em outubro de 1876. Formou-se em direito e dentre suas principais funções, foi professor, deputado estadual, deputado federal, escritor e pesquisador em diversas áreas.

**Figura: 1** Nelson de Senna



Fonte: APCBH

Sua obra é vasta tendo como destaque publicações de jornais como o Jornal Belo Horizonte e o Anuário de Minas Geraes. Publicou livros, artigos e discursos que rendem citações em trabalhos científicos até os dias atuais como: A idade da pedra no Brasil (1905), Africanos no Brasil (1938), A hulha branca em Minas Gerais: sinopse das quedas d'água existentes no Estado (1911), A terra mineira (1923), Os Índios do Brasil (1908), Páginas tímidas: contos e escritos (1896). Seus artigos e discursos de grande relevância são: A escravidão negra no Brasil, a campanha abolicionista e o treze de maio (1897), A influência do índio na linguagem brasileira (1946), A contribuição etnográfica dos padres da companhia de Jesus e dos cronistas leigos dos primeiros séculos (1915), Alguns aspectos econômicos brasileiros (1925), O problema da siderurgia nacional (1923), O Rio Doce: descrição de alguns municípios da Bacia em Minas Gerais (1905), O cinquentenário de Belo Horizonte (1948),

Foi atuante em instituições como Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Arquivo Nacional, Academia Mineira de

Letras, Arquivo Público Mineiro, Museu Mineiro. Suas pesquisas sobre a linguagem africana, linguagem indígena e toponímia são referências em publicações relevantes.

## **5 O TRABALHO ETNOGRÁFICO NO ARQUIVO DE NELSON COELHO DE SENNA**

O arquivo pessoal de Nelson Coelho de Senna foi recolhido pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte através de doação feita pela neta do produtor. Foi inventariado em 1999 e em 2000 foi publicado o inventário analítico que tem a estrutura de arranjo com oito séries e onze subséries. Trata-se de um arquivo ainda com poucos estudos a seu respeito, mas se apresenta bem organizado tanto do ponto de vista arquivístico, representado pelo inventário, quanto pelo cuidado que é possível notar que o produtor teve em reunir suas pesquisas.

O arquivo tem uma história de mais de quarenta anos após a morte do produtor até sua chegada ao Arquivo da Cidade de Belo Horizonte, uma rede de amizade que possibilitou a chegada do arquivo que contém documentos de relevância mais ampla que a esfera municipal.

Existe certa dificuldade em realizar a etnografia num campo onde o interlocutor não está presente. Fhehse (2005) chama a atenção para este detalhe que é peça chave no trabalho do antropólogo.

A principal dimensão da noção de campo predominante na tradição antropológica consagrada por Malinowski é justamente a ênfase no contato direto do antropólogo com os sujeitos que ele estuda. O "contato o mais íntimo possível com os nativos" preconizado por esse autor tornou-se um lema do trabalho de campo. Realmente, não se pode obliterar que, quando o arquivo é o campo da pesquisa, o antropólogo é levado a uma dinâmica de levantamento de dados bem diferente. E isso não somente pelo fato de ser impossível para o antropólogo o contato físico com os sujeitos que lhe interessa compreender, mas também porque o seu contato com a documentação, via indireta de acesso aos seus "nativos", está sujeito a não poucas interferências externas ao trabalho de campo propriamente dito. (FREHSE, 2005, p.135)

Diante dessa ausência do interlocutor são necessários outros métodos que complementem a pesquisa, mesmo que estes estejam fora do campo pesquisado. No caso da nossa pesquisa expandimos o campo para outras instituições além do local de guarda

do acervo do produtor, instituições que fizeram parte da vida de Nelson de Senna procurando apreender mais sobre a história do pesquisador.

As pesquisas foram realizadas *in loco* e foi possível apreender sobre a importância dada ao produtor e qual a relevância de suas realizações dentro da entidade, além de ter contato com obras originais do autor como livros com dedicatórias, notas de roda pé manuscritas, atas de reuniões e correspondências referentes a seus trabalhos.

Foram realizadas entrevistas com os profissionais responsáveis pela captação do acervo, elaboração do arranjo e execução do inventário, apresentou-se clara a preocupação em seguir normas e diretrizes que respaldassem o trabalho utilizando além das normas do CONARQ, NOBRADE, tratados internacionais que apoiassem o trabalho do profissional em arquivos pessoais.

Sobre este olhar que se tangencia entre Arquivologia e Antropologia a historiadora Luciana Heymann (2013) atenta para a valoração do documento a partir da perspectiva social e histórica dos arquivos.

Abordar os arquivos pessoais sob um olhar antropológico sugere deslocar a atenção dos documentos para o processo de constituição desses acervos. Nessa mirada, além dos gestos individuais de seleção e guarda dos registros, devem ser considerados os contextos nos quais os conjuntos documentais se inserem: contextos sócio-históricos mais amplos, de uma parte e contextos arquivísticos nos quais são preservados tratados e disponibilizados, de outra. (HEYMANN, 2013 p.67)

A partir das incursões ao campo foi possível verificar tanto o contexto histórico quanto o contexto arquivístico em que os documentos se encontravam dentro de cada entidade que amparou essa pesquisa.

### Quadro 1: Instituições pesquisadas

<b>APCBH</b> Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Senna	<b>APM</b> Fotografias Obras do produtor	<b>AML</b> Atas de reuniões Obras do produtor	<b>IHGGMG</b> Obras do produtor
---	--	---	------------------------------------

**Fonte:** Dados da Pesquisa (201

A interpretação dos dados reunidos na exploração das instituições indicou os documentos encontrados no APCBH, que se trata do arquivo pessoal em sua totalidade como fundo. Os documentos do APM, fotografias livros e artigos do produtor são tratados como coleção, que é definida pelo Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística como: Conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente. Os documentos da AML, atas das primeiras reuniões da Academia e livros de Nelson de Senna são tratadas como coleção. E os documentos do IHGGMG também são uma como coleção, por se tratarem de obras de autoria do produtor, além de obras que têm Nelson de Senna e outros patronos do Instituto como assunto.

A entrevista semi- estruturada, aplicada com intenção enriquecer a história arquivística de aquisição do arquivo pessoal que se encontra no APCBH, foi realizada com os técnicos responsáveis pela elaboração do inventário. Foi possível constatar a riqueza de detalhes que o arquivo pessoal exige para sua organização, já que é necessário seguir os princípios fundamentais da Arquivologia como respeito aos fundos e a ordem original em documentos que apresentam várias peculiaridades e exigem além da aplicação de normas impostas pela NOBRADE e o CONARQ o uso de manuais internacionais.

O inventário do Arquivo Pessoal de Nelson de Senna tem em sua estrutura de arranjo oito séries:

- Documentos pessoais
- Correspondências
- Estudos temáticos
- Estudos para anuários
- Estudos literários
- Atividades parlamentares

- Atividades acadêmicas
- Publicações Iconografia
- Éxequias

O arranjo apresenta a totalidade de onze subséries.

Dentre as séries, a de Estudos temáticos acolhe a subsérie Africanismo, que contém os estudos do pesquisador sobre a influência da linguagem africana no português falado no Brasil. Essa se apresenta da seguinte maneira:

- Vocabulário de africanismos na língua portuguesa: índice alfabético das vozes, palavras e expressões primitivas e derivadas das línguas africanas.
- A Linguagem dos Africanos e sua influência na língua portuguesa do Brasil: tese apresentada na semana de estudos afro-brasileiros em comemoração do cinquentenário da Lei Aurea.
- Elucidário de Africanismos: vocabulário de africanismos e afro-negrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana.
- Vocabulário de africanismos e afro-negrismos: índice de termos africanos presentes na linguagem popular brasileira.
- Notas para o Elucidário de Africanismos: credices e cultos dos afro-negros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afro-negro e verbetes diversos.
- Bibliografia para o Elucidário de Afronegrismos: relação por ordem alfabética das obras consultadas para a elaboração do Elucidário de afro-negrismos do Brasil.
- Introdução do vocabulário de africanismos: texto introdutório do vocabulário de africanismos.
- Adagiário afro-negro brasileiro: relação em ordem alfabética de adágio, ditos ou provérbios afro-negros brasileiros.
- Africanismos na linguagem brasileira: comentário do livro de Danti Iaytanao, "Os africanismos do dialeto gaúcho".

- Relação alfabética dos afro-negrismos que se encontram na linguagem popular brasileira: verbetes afro-negros presentes na linguagem popular brasileira.
- Vocabulário de africanismos: dicionário de termos africanos.
- Vocabulário de africanismos: índice (A-Z) e verbete (letra A) de termos afro-negros.
- Vocabulário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos de origem africana.
- Elucidário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos africanos.
- Contribuição literária brasileira à cultura afro-negra: comentário sobre a contribuição de literários brasileiros à cultura afro-negra no Brasil.
- Índices alfabéticos de africanismos freqüentes na língua portuguesa.
- Termos africanos: relação de termos africanos ou de origem africana.
- Recortes de Jornal.

Nelson de Senna viveu em um momento em que o Brasil passava por transformações sociais e no que diz respeito a questões raciais e estava tentando se adequar ao modo europeu de ver o mundo. O Brasil precisava de um herói nacional que fosse forte, belo e inteligente, porém a história pregressa de luta e sofrimento do negro que vivia no Brasil o impedia de ser, esse ideal quase mitológico que queriam mostrar os intelectuais brasileiros ao mundo.

Lilia Schwarcz (2012) fala sobre essa construção do ideal nacional.

Interessante [...] é a versão romântica, e paralela que dominou no grupo que se reunia em torno do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e elegeu os bons nativos - quase rousseauianos- como modelos nacionais e basicamente esqueceu-se da população negra. No indianismo de Jose de Alencar, Gonçalves Dias e Gonçalves Magalhaes o indígena (totalmente idealizado) surge como um elemento suficiente para representar a nação. Nobres nas selvas, eles corporificariam o paralelo simbólico a apoiar a nobreza que surgia na corte e organizava o estado.

Por outro lado, tudo se passava em um momento histórico anterior ao estabelecimento da escravidão e permitia, com essa seleção a mera exclusão da população negra, enquanto emblema da nacionalidade. (SCHWARCZ, 2012, p.07).

Da subsérie Africanismo foram verificados os documentos originais e constatou-se a impossibilidade de ter contato, com os relatos de “um diário de campo” como o de Malinowski (1997), que demonstrasse o recolhimento etnográfico da pesquisa. Diante de tal quadro partiu-se para entrevistas, para o livro do pesquisador intitulado Africanos no Brasil e ampliou-se o campo de pesquisa para outras instituições onde Nelson de Senna teve passagem significativa.

## **6 TECENDO CONSIDERAÇÕES**

Buscou-se, com este trabalho, apresentar uma pequena parte do universo da pesquisa realizada durante a escrita da dissertação de mestrado, que utilizou o arquivo pessoal como campo etnográfico. Ou seja, unindo Arquivologia e antropologia cada qual com sua contribuição metodológica de trabalho. A arquivologia com seus princípios e técnicas dão conta de informar quanto ao arquivo orgânico, e as diretrizes relevantes dos órgãos pertinentes. A Antropologia vem acrescentar no sentido de ampliar sociologicamente o campo de estudos.

Jardim (1999) coloca uma questão sobre “novas e variadas dimensões no campo arquivístico” que é muito para o redimensionamento da arquivística ampliando espaços científicos e indo ao encontro de outras ciências diversificando os conhecimentos.

Se faz necessário destacar o papel do profissional da Informação, caro a este trabalho que se beneficiou da interpretação, organização e análise prévia dos documentos utilizados no campo de pesquisa.

Neste sentido as informações coletadas no arquivo sobre o africanismo se fizeram completas e agregadas de significados a partir da utilização de metodologias pertencentes tradicionalmente a Antropologia.

Logrando como o despertar de debate a experiência proporcionada por esta pesquisa com o arquivo de Nelson de Senna, sem intenção de esgotar o tema, mas

certamente com desejo de continuidade, este trabalho possibilitou uma leitura mais abrangente dos documentos para além da leitura arquivística, proporcionando uma interpretação mais cultural do acervo.

Deste modo, a aproximação entre as áreas se tornou um campo fértil de onde se pode colher resultados interessantes para futuras discussões acerca do papel social do arquivo pessoal dentro das instituições públicas.

## **THE ETHNOGRAPHIC RESEARCH IN THE PERSONAL ARCHIVE OF NELSON COELHO DE SENNA**

### **ABSTRACT**

The ethnographic research in documentary archives has become a practice increasingly used to generate social questions that amplify the scope of studies around the archive-society theme. In this study, the objective is to present the ethnographic work in the research developed in the personal archive of Nelson Coelho de Senna, an integral part of the archive of the Public Archive of the City of Belo Horizonte, inspiring the qualitative approach of the research. Interviewing, descriptions and language analysis are included in this paper. Ethnography in this sense establishes the link between the producer of the archive and the social moment that led him to research the Africanism theme. Data collection was carried out in the institutions where Nelson de Senna played a relevant role and in the Public Archive of the City of Belo Horizonte. As a result we obtained a brief biography of the producer, the history of acquiring his personal archive, supported by interviews and the discussion on Africanism in the author's work.

**Keywords:** Personal Archive. Ethnography. Africanism.

### **REFERÊNCIAS**

AGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE (MG). **Inventário do arquivo pessoal de Nelson Coelho de Senna (1876-1952)**. Belo Horizonte: APCBH, 2000.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. **Decreto** nº 4.073, de 3 de janeiro de 2002. Regulamenta a Lei 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.159, de 08 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 09 jan. 1991.

\_\_\_\_\_. **Resolução** nº 17, de julho de 2003. Dispõe sobre os procedimentos relativos à declaração de interesse público social de arquivos privados de pessoas físicas ou jurídicas que contenham documentos relevantes para a história, a cultura e o desenvolvimento nacional.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista Estudos Históricos**. v.1, n.21, 1998.

FREHSE, Fraya. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.36. jul.-dez. pp.131-136, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

HEYMANN, Luciana Quillet. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (Orgs.). **Arquivos Pessoais: Reflexões Multidisciplinares e Experiências de Pesquisa**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2013.

JARDIM, José Maria; Maria Odila (Org.). A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995). In: **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: Eduff, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco muito pelo contrário**. Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro enigma, 2012.